

Entraves na formação da relação analítica: perspectivas

Maira Cecília Avi¹, Ribeirão Preto.

Resumo: ao refletir sobre o tema dos entraves da formação da relação analítica, a autora aponta para o trânsito entre rigidez e mobilidades nas relações, especialmente na relação analítica. Apresenta sua perspectiva sobre os fatores que podem ou não favorecer a fluidez deste trânsito, tais como precariedade dos recursos amorosos, disponibilidade para colocar-se a serviço do outro e a capacidade negativa do analista. Traz como modelo clínico a situação de uma ameaça de ruptura da relação e conjectura sobre os meios que sustentam a vitalidade da relação, como amor, criatividade na busca de modelos e a capacidade para evocar o “ato de fé” no analista.

Palavras-chave: amor; ato de fé; capacidade negativa; cesura; relação analítica.

Sabemos que “entraves” são relativamente frequentes em qualquer relação, inclusive a analítica. Refletindo sobre o tema, saltamos à vista a rigidez e imobilidade que a palavra entrave desperta. Em busca de flexibilidade e movimento, encontrei a seguinte definição em uma pesquisa no dicionário do Google (Oxford Languages, s.d.):

- Ato ou efeito de enterrar; enterramento, traveção, travagem, travamento.
- Peia, travão, trava, trabelho.
- Obstáculo, embaraço, impedimento.

¹ Psicóloga. Membro filiado ao Instituto de Psicanálise da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Ribeirão Preto (SBPRP).

Ao observar a definição de entrave no dicionário, podemos identificar certa mobilidade nas palavras obstáculo, trava e peia (que significa corda, couro, corrente para amarrar); afinal, obstáculo pode ser transposto ou contornado, trava pode ser destravada e peia pode ser desatada. Podemos não saber como realizar estas ações, mas a possibilidade de acontecerem existe.

Mas qual a relevância de se sentir movimento? Relendo o tema deste título, noto as palavras *formação* e *relação*. Como psicanalistas, passamos boa parte de nosso tempo vivendo e observando relações que sabemos estarem em constantes “trans-formações”; por isso, a estranheza na palavra “entrave” (dentro e preso numa trava) que, de agora em diante, escolherei como sinônimo de “obstáculo”.

Relação é movimento, bem como a palavra formação denota o mesmo sentido, isto é algo que se movimenta para criar forma(s). Observando as relações que *vivemos* cotidianamente na clínica psicanalítica, percebemos que as formas/relações que criamos, geralmente, não são rígidas, mas maleáveis e moldadas a cada instante. Indago: esta modelagem tem um fim ou um limite?

Podemos imaginar um escultor modelando peças de argila ou mármore, materiais de consistências diferentes, demandando ferramentas diferentes, mas com os quais o escultor se relaciona criando formas. Ele se *relaciona* porque cada matéria possui características únicas que oferecem sensações, resistências maiores ou menores ao contato etc. Desta maneira a matéria se torna uma interlocutora para o escultor. Ele interrompe a modelagem da matéria em um dado momento e passa a publicar a obra; assim, cria nova abertura para movimentos inéditos na sua relação com o material (a obra). Podemos imaginar um caminho a partir desta imagem, afinal, admiramos obras de séculos passados e nos relacionamos com elas. E com seus autores. Teria isto um limite? Conjecturemos imaginativamente: caso escultor e obras sumam, os que se relacionaram com eles, os participantes da publicação, não

poderiam transmitir algo da experiência emocional vivida dando-lhe continuidade?

Seguindo por esse caminho, podemos notar como vida é movimento!

Se entrave é um obstáculo, o que nos impediria de acreditar, caso estejamos “vivos”, na existência de passagens por obstáculos? E se o obstáculo fizer parte do próprio movimento, portanto, se constituir num fator da formação da relação ela mesma? Neste caso podemos associar as passagens que se constituírem em movimentos ao conceito “cesura” proposto por Bion (1977/1981), no qual ele propõe ênfase não apenas na marcante passagem, mas também nos elementos de continuidade e “des-continuidade” existentes nas travessias vivas.

Historicamente, Freud precisou de coragem e perseverança no caminho para formular algo como “interpretação de sonhos” (1900/1996a, 1900/1996b), “inconsciente” (1923/1996), “pulsão de vida e morte” (1920/1996), entre outros. Assim também, para persistir na sua observação destes fenômenos. É provável que ele tenha sentido e passado por grandes obstáculos em seu percurso, temos notícias disto. Um dos obstáculos que podemos apontar é a “transferência” (Freud, 1905/1996, 1912/1996, 1914/1996, 1916/1996a, 1916/1996b, 1920/1996, 1937/1996). Quando Freud notou o fenômeno que nomeou de “transferência”, ele a considerou um obstáculo ao desenvolvimento da relação analítica. A “transferência” estaria a serviço da resistência inconsciente e, como obstáculo, deveria ser retirada de cena. Porém, dando continuidade à sua observação ao longo dos inúmeros anos de experiência clínica, Freud passou a pensar a “transferência” como um valioso instrumento no processo da psicanálise. Aquilo que visto por um determinado ângulo pareceu-lhe obstáculo, observado por outro vértice se tornou uma passagem, movimento para novas aberturas.

Da mesma maneira, houve época em que pacientes psicóticos,

crianças e autistas não eram atendidos em psicanálise. Mas, à medida que a psicanálise evoluía, como ciência e técnica de trabalho, os caminhos e modelos de funcionamento mental se expandiram, promovendo aberturas/passagens. Podemos dizer que passagens foram sendo criadas com os obstáculos do caminho. Os obstáculos encontrados por Freud foram sendo expandidos pela escola de M. Klein, os encontrados por ela, também o foram por Bion e seus contemporâneos... e assim por diante.

Mas, o que nos leva a buscar passagens?

O filme *O primeiro homem*, do diretor Damien Chazelle (2018), conta a história de Neil Armstrong, o primeiro homem a pisar na Lua. Neste filme, a história é contada do ponto de vista do homem e não somente do projeto de chegar à Lua ou da corrida para o domínio do espaço, o que o torna bem interessante.

No início da história, temos um engenheiro aeronáutico comum (Neil) vivendo junto à sua família a imensa dor de ter perdido uma filha pequena. Quando ele percebe que, por compaixão ao seu sofrimento, seu chefe pede que ele se afaste uns dias do trabalho, Neil muda o rumo de sua carreira e ingressa no projeto da *National Aeronautics and Space Administration* (Nasa) de chegar à Lua. O roteiro sugere que Neil não buscava escapar da sua dor, mas acreditava que podia seguir com sua vida, apesar da presença dessa dor (luto). O diretor expõe essas elaborações do trabalho de luto ao longo do filme, especialmente na cena final.

Outra questão apontada no filme é sobre a precariedade humana – nossa limitação de recursos psíquicos, de nossa *função alfa* (Bion, 1962/1980) que falha frente a dores demasiadas – e de equipamentos tecnológicos para enfrentar esta jornada. Em dado momento, vemos uma cena cuja precariedade dos equipamentos que tinham na época fica evidente, Neil e outro astronauta estão dentro de um projétil que será lançado ao céu apenas para checar possibilidades de alcance em distância do foguete. Enquanto estão

aguardando silenciosamente o lançamento, Neil observa uma mosca voando entre as dezenas de botões que tem a sua frente na cabine. Como em um ambiente que precisaria ser “perfeito” aparece uma mosca? O diretor mantém o foco da câmara na mosca, nos mostrando nossa precariedade frente aos desafios da vida. Ao longo do filme, vamos nos dando conta das inúmeras perdas no caminho até o objetivo de chegar à Lua; no entanto, também assistimos à exitosa chegada. Penso que observar a precariedade é poder considerá-la e não simplesmente excluí-la do campo da relação.

Ainda neste modelo filmico, em outra cena, vemos um diálogo entre a esposa de Neil e a esposa de outro astronauta da mesma missão. Elas conversam sobre estarem casadas (em relação) com homens cujo trabalho demanda a disponibilidade de saírem de casa sabendo que suas chances de não voltarem vivos, ao final do dia, é grande. Refletem sobre a capacidade de espera delas por esses maridos. Então, uma delas diz que encontrou com uma amiga de infância que lhe conta que o marido é dentista e volta religiosamente para a casa às seis da tarde, despertando muito tédio na esposa. Elas se entreolham e riem. Podemos cogitar que elas não estavam tão disponíveis a sentir tédio em seus casamentos. A amiga de infância, por sua vez, parecia não estar tão disponível a sentir a incerteza da volta do marido para casa.

Esse trecho do filme nos coloca diante de um ponto importante para considerar entraves/obstáculos. Qual a nossa (in) disponibilidade para lidar com eles?

Bion (1979) escreveu um texto cujo título é muito sugestivo: *Como tornar proveitoso um mau negócio*. Neste complexo texto, Bion nos apresenta a ideia de que o “mau negócio” é justamente o encontro entre duas pessoas, pois quando isto acontece cria-se uma “tempestade emocional”, uma turbulência emocional (Bion, 1977/1987) inerente a estarmos vivos e em interação íntima e verdadeira. Se nos permitirmos perceber, o encontro

analista ↔ analisando é uma perturbação no estado emocional de ambos. Entretanto, como colocou Bion, já que se encontraram, os dois devem tentar decidir “como tornar proveitoso o mau negócio”.

Penso que através dessas perturbações expandimos nossos horizontes em relação ao universo em que vivemos e ao nosso universo individual. Minha existência na sala de análise perturba meu paciente, e a existência dele também me perturba. A nossa existência conjunta perturba o ambiente. E assim, caso tenhamos tolerância para passar por perturbações, expandiremos nossas existências, do contrário, manobras evasivas (defesas) serão postas em ação.

Usando o modelo de uma “tempestade” como entrave ou obstáculo, podemos nos perguntar: O que conseguimos observar de dentro da tempestade? Qual a disponibilidade interna da dupla para se molhar? Percebemos a tempestade como um movimento do clima (emocional) ou como um estado permanente e intransponível²?

Neste momento, falando de (in)disponibilidade para enfrentar tempestades, voltemos nosso vértice de observação para o analista e não para o paciente. Certamente isso não implica que o analista não deva observar as condições de (in)disponibilidade do paciente para viver uma relação analítica. No entanto, uma vez que o paciente sai de sua casa, atravessa a cidade e chega até a sala de análise, penso que a (in)disponibilidade do analista para sua prática merece ser minuciosamente observada.

Podemos relacionar com isso o que Bion (1977/2015) chamou de “condições mínimas” para o analista realizar seu trabalho. Com isso, ele se refere a que o analista deva ter clareza sobre quais são *suas* condições mínimas para enfrentar tempestades emocionais

² Bion (2018), em uma supervisão realizada no Brasil na década de 1970, diz: “Então como evitar a situação na qual nossa capacidade para sentir esmaga nossa capacidade para pensar? Eu penso que existirá sempre esta forma de tempestade ocorrendo dentro de nós. Algumas vezes as ondas de pensamento crescem tão alto que nossa capacidade para sentir é submersa; outras vezes nossa capacidade para sentir cresce tanto que nossa capacidade de pensar é submersa. Isso é algo que acontece comigo... com qualquer um de nós...” (pp. 57-58).

junto a determinado analisando. Deste modo, ressalta a importância de o analista ter intimidade suficiente consigo mesmo para identificar as condições com as quais ele e o paciente poderão ter de contar, ao desenvolver o trabalho analítico. Tal tarefa não é fácil, uma extensa e intensa análise pessoal constitui pré-requisito para tal recurso.

Certa vez, Bion (1978/2012) sugeriu um exercício à plateia de um seminário. Apresentou brevemente um paciente percebido por ele, tendo 25 anos e que se queixava de uma vida familiar insatisfatória. Em seguida, contou ter perguntado a idade ao paciente que respondeu ter 42 anos. Então, Bion reparou nas rugas no rosto do paciente e observou um homem de 62 anos. Disse à plateia: “Afinal, qual sua idade?” (p. 2). Na sequência, perguntou se aceitariam receber este paciente em análise e apresentou vértices diferentes de observação para este ocorrido. Sugeriu a seguinte situação: se o paciente fosse um livro, eles o folheariam mais uma vez ou passariam para outro livro? Estariam interessados nesta história?

Continuando sua comunicação, Bion (1978/2012) disse uma frase com ênfase poética: “Que tipo de sombra essa pessoa lança em sua mente?” (p. 3). Deste modo, Bion nos faz perceber que a resposta é única para cada psicanalista, em cada experiência clínica. Assim, ressalta a importância de termos conhecimento sobre nós mesmos, pois cada um precisa responder a essa pergunta sozinho. Diz ele: “Ninguém pode lhe dizer o que fazer, pois ninguém sabe que tipo de pessoa você é ou de que é capaz!” (p. 3).

Com isso, ele aponta para a complexidade da mente humana (Chuster et al., 2014). Quantos universos cada um de nós habitamos? Além disso, sugere que os analistas possam descobrir as diferentes dimensões de suas personalidades, especialmente o tipo de artistas que são em seu ateliê/sala de análise. Ele complementa: “Essa [é] uma das razões por que defendemos que as pessoas façam análise a fim de se acostumarem com quem elas são” (Bion, 1978/2012, p. 3).

Penso que o contato íntimo com a própria humanidade

favorece que possamos oferecer ao paciente condições de ampliar e transformar o acesso que ele tem a ele mesmo. Ao mesmo tempo, nosso contato com o paciente também provoca a expansão de nossos horizontes. Estamos os dois na tempestade buscando criar passagens, nos deparando com *cesuras*.

Mas, como humanos que somos, nem sempre temos clareza sobre nossas condições mínimas ou mesmo acesso a todas as dimensões de nossa personalidade. Por vezes, somos tomados por dificuldade de encontrar as leis que nos governam e, para fazer parte de um grupo ou sociedade, tomamos emprestadas leis que podem inclusive não nos auxiliar. Claro que, assim como o escultor durante a formação de uma obra pode experimentar vários meios de trabalhar com a matéria, nós também experimentamos. Porém, estas experiências só serão úteis se, durante o processo, conseguirmos fazer proveito de um mau negócio, identificando o que é verdadeiro *entre nós*³ durante a tempestade.

Podemos nos indagar: como evidenciar (acessar) para nós mesmos as condições mínimas de realizar um trabalho? Ao me propor à elaboração destas reflexões sobre entraves na relação analítica, precisei olhar para mim mesma e para os instrumentos de observação que utilizo. Observei que, ao entrar em contato com o tema, transitava entre estados mentais de rigidez (medo, insegurança, etc.) e de mobilidade (confiança, coragem, “fé”, etc.). Além disso, outros fatores surgiam em mente na forma de perguntas: O tema me despertou interesse? Conseguia formular ideias que poderia explorar? Essas ideias poderiam contribuir com o tema e abrir caminhos para

³ Bion (1977/1981), numa passagem no parágrafo final do texto “Cesura”, na qual ele recria a famosa citação que Freud fez no trabalho “Inibições, sintomas e ansiedade” (1926), aponta para a complexidade da experiência humana, da qual faz parte a experiência analítica. Refere: “Há mais continuidade entre quanta autonomamente apropriados e as ondas de pensamento consciente e sentimento do que a impressionante cesura da transferência e contratransferência nos levaria a acreditar. Então, ...? Investigue a cesura; não o analisando; não o inconsciente; não o consciente; não a sanidade; não a insanidade. Mas a cesura, o vínculo, a sinapse, a (contra-trans)-ferência, o humor transitivo-intransitivo” (Bion, 1977/1981, p. 136).

discussão com os colegas? Teria condições emocionais de me expor à tempestade desconhecida que o encontro com o tema evocaria?

Frente a essas perguntas, percebemos que as condições mínimas vão muito além de questões práticas ligadas ao *setting* analítico, como sala, horários, etc. Quando estamos com um paciente, não basta nos certificarmos da existência de um local, um tempo, conhecimento de teorias e a presença corporal de ambos. Trabalhamos fundamentalmente com o imaterial. Assim, necessitamos desenvolver sentidos para ir em direção ao que não se vê, não se toca, não se escuta, não tem gosto e não tem cheiro, mas que está presente, existe lá entre nós (Avi, 2020; Bion, 1970/2006). Deste modo, desenvolvemos meios para podermos transitar na imaterialidade.

Mas o que está lá marcando presença entre nós?

Conjecturo imaginativamente (Bion, 1977/2015) que no analista, no paciente e entre nós existem universos infinitos, tal como o universo que observamos ao olhar para as estrelas no céu. Isto me ajuda a ficar livre para observar o que eu não conheço, não consigo apreender em sua totalidade, mas percebo que me atinge e me modifica.

Algumas vezes, na sala de análise, costumo me perguntar quem ou o que está tentando se comunicar comigo. É um homem, um bebê, um menino assustado? Seria um fígado ou um coração o que está tentando se expressar para mim? Talvez os rins, ou a hipófise?

Aparentemente há duas pessoas falando português na sala, o que, às vezes, pode dar a ilusão de que estamos falando a mesma linguagem. Mas precisamos desenvolver nossa percepção para observar que tipos de linguagens estão predominando a cada instante, como o paciente expressa o que acontece com ele.

Considerando que nossa mente pode abrigar muitas dimensões

(Bion, 1991⁴; Kirschbaum, 2017), seria vantajoso estarmos abertos a descobrir diferentes linguagens possíveis. Um feto, um bebê e um homem se expressam de modos muito distintos. Novamente, surge a importância de identificarmos estas linguagens em cada um de nós. Por exemplo, como se expressa minha menininha de três anos? E a de sessenta e seis?

Um outro modelo de observação concernente à questão da busca por condições mínimas é oferecido por Ogden (2010, Capítulo 2) em um de seus livros, em capítulo intitulado “Do que eu não abriria mão”. Partindo da observação dele próprio, levanta seis pontos que considera fundamentais em sua prática clínica. Ele os nomeou como: “Ser humano; Encarar a música; Ser responsável; Sonhar-se sendo; Pensar em voz alta e; Não saber”. Nesse artigo, bem como em vários outros (Ogden, 1994/1996, 2004), este reconhecido autor elabora detalhadamente o significado desses itens para ele. Assim como Ogden, acredito na necessidade de nos observarmos atentamente para perceber nossas condições mínimas de trabalho e, sempre que possível, nomeá-las claramente para nós mesmos.

Outra questão que poderíamos levantar é: e quando não temos acesso a nós mesmos? O que observar? Existem pontos cegos de nossa personalidade? Se existem, o que fazemos com eles?

Estamos acostumados em psicanálise com a ideia de uma mãe que ajuda seu bebê a *metabolizar* suas experiências de vida, transformando-as em uma espécie de herança/repertório que ele poderá utilizar e expandir, ao longo de sua vida. Da mesma maneira, costumamos usar esta imagem como uma analogia ao trabalho do analista, confiando na condição da mente da mãe/analista, para que a dupla possa *sonhar terrores noturnos e pesadelos* do bebê/paciente

⁴ A versão brasileira de *A memoir of the future*, de Bion (1991), consultada neste artigo, chama-se *Uma memória do futuro*, dividida em três volumes e traduzida por P. C. Sandler: Vol. 1. O sonho (1988, Martins Fontes); Vol. 2. O passado apresentado (1996, Imago); Vol. 3. A aurora do esquecimento (1996, Imago). Trabalhos originais publicados entre 1975 e 1979.

(Ogden, 2010, Capítulo 2).

No entanto, Ribeiro (2018) nos chama a atenção para que os analistas são pessoas humanas e, como tal, podem ter os seus próprios terrores noturnos. Denomina-os inicialmente de pontos cegos, definindo-os como “áreas nas quais o psicanalista, embora intensamente analisado, não encontra elementos α e função α suficiente para sonhar a experiência emocional em curso, permitindo *actings* variados ocorrerem” (p. 144). Em seguida, o autor passa a fazer uso de conjecturas imaginativas (Bion, 1977/2015) e criativas e propõe observarmos os pontos cegos por um outro vértice, que denominou de buraco negro.

Assim, se o ponto cego nos remete a algo que não pode ser observado, o buraco negro por sua vez nos remete à movimentação do que podemos observar *ao seu redor*. Essa movimentação pode, eventualmente, criar uma imagem, que pode vir a alcançar alguma forma. Isto é possível, pois, apesar de os buracos negros serem praticamente invisíveis, sua densa massa influencia o movimento das estrelas circunvizinhas, podendo inclusive tragá-las. O buraco negro é um nada, mas que se manifesta, isto é, gera movimento, e movimento é observável.

Assim, através da observação do movimento das estrelas vizinhas (o paciente) ao buraco negro, temos condição de perceber emanções de dimensões de nossa (do analista) personalidade que não emitem luz, mas que estão presentes na relação.

Ampliando suas reflexões, Ribeiro (2018) nos conta que o físico Stephen Hawking declarou, pouco antes de morrer, acreditar que os buracos negros poderiam ser caminhos para outros universos e não necessariamente provocassem a destruição de tudo que por ele fosse sugado. Esta conjectura imaginativa foi nomeada multiverso.

Sendo assim, por que não conjecturar a criação de passagens para novas dimensões na vivência de uma relação analítica? É certo que isto dependerá da capacidade do analista de transitar entre os

ângulos que favorecem observar pontos cegos e os que favorecem a observação de buracos negros.

Penso que um fator que favorece este trânsito é o que Bion denominou de “capacidade negativa”, usando para conceituá-la a seguinte citação do poeta John Keats: “Capacidade Negativa: isto é, quando um homem é capaz de permanecer meio a incertezas, mistérios, dúvidas, sem ter de alcançar nervosamente nenhum fato e razão” (Keats, citado por Bion, 1970/2006, p. 131).

Além disso, ao observar fenômenos como buracos negros ou movimentos na relação de uma dupla analítica, percebemos que, por mais capacitados que estejamos, há uma realidade que é incognoscível. Porém, acredito que tendo fé (Bion, 1970/2006) na existência desta realidade podemos criar passagens que nos levem em direção a ela. Se não a alcançamos, no caminho em direção a ela nós a criamos e criamos a nós mesmos.

Afinal, Neil Armstrong pisou na Lua.

Três momentos no caminho de uma dupla analítica ante entraves/obstáculos

Primeiro momento

Antônio procurou análise quando cursava os últimos anos de faculdade. Estava muito desanimado, não se identificava com o curso, mas também não se via fazendo outra coisa. Chorava muito e se contorcia na poltrona, expressando uma dor que parecia não ter nome. Ele me despertou vontade de caminhar ao seu lado. Agendamos três horários semanais, que ele concordou prontamente.

Durante as sessões, sentava-se na poltrona a minha frente, buscando intensamente o meu olhar e abraçando uma almofada, frequentemente ficando em uma posição fetal. Sentia compaixão por seu sofrimento e percebia sua necessidade de sentir o meu olhar recaindo sobre ele. Ao mesmo tempo, indicava estar no que poderíamos chamar de uma “dimensão fantasma”, na qual apenas

sua sombra existia. Nesta dimensão, parecia se sentir protegido das tempestades que as relações humanas poderiam provocar. Ele não parecia ser uma pessoa que se isolasse, pelo contrário, namorava e tinha muitos amigos. No entanto, indicava que não estava *pronto* para sentir a turbulência das relações. Dito de outro modo, não acreditava que sobreviveria às tempestades. Isso aparecia, por exemplo, quando expunha sua preocupação de nunca chegar a ser um bom profissional. Vale ressaltar que sua escolha de carreira envolvia lidar diretamente com o sofrimento humano.

Após alguns meses juntos, em certa sessão, tomada de muita emoção, me surge a imagem de estar colocando-o dentro de meu útero, como se fosse para terminar a sua gestação. Esta imagem e sensação acabaram por revelar e nortear o cuidado que eu teria com ele nos nossos encontros; afinal, um bebê que ainda está no útero demanda cuidados muito diferentes de um bebê que já nasceu.

Nesta fase da análise, Antônio apresentou a questão que não poderia ter horários fixos, pois seus estágios na faculdade mudavam todas as semanas. Ele não pensava em parar a análise, mas não sabia como se organizar para estar ali comigo. Senti uma urgência em sua comunicação.

Após pedir mais informações sobre a organização dos estágios, proponho que agendássemos nossas sessões a cada semana, mantendo, entretanto, a frequência dos três horários. Sua expressão de alívio frente à proposta me fez pensar em um bebê que corria o risco de nascer antes do tempo. Contudo, quando uma mãe se compromete a respeitar os movimentos do bebê, seu *timing*, a urgência fica em segundo plano, dando espaço à espera, para que o bebê possa atingir a maturação necessária para nascer. Assim, durante dois anos nos encontramos desta maneira. Frequentemente imaginava que ele se movimentava na minha agenda como um bebê se movimenta no interior do corpo da mãe. Nesse período, o percebi mais à vontade no *setting* e até curioso para experimentar o divã. Indicava acreditar

que mesmo que ele não me visse, eu estaria olhando em sua direção.

Segundo momento

Após alguns meses do término da faculdade, já com um caminho profissional delineado e se reconhecendo na atividade que havia escolhido praticar, Antônio começa a questionar a necessidade de fazer análise, perguntando o que afinal era estar em análise?

Nossa relação passava por transformações. Ele se tornara então um bebê fora do útero, e eu não mais precisava contê-lo dentro de minha barriga. No entanto, eu sentia e vislumbrava que ainda tínhamos um caminho aberto a nossa frente. Conseguiríamos percorrê-lo juntos? Percebia em Antônio uma dúvida que poderia ser formulada assim: “Agora que nasci, qual vai ser a nossa relação?” A resposta, obviamente, também era desconhecida para mim.

Notava nele um medo de ficar atrelado a mim, de forma que isso o impedisse de ser ele mesmo, ou seja, uma pessoa única. Nosso acordo de agendar as sessões por semana permanecia como um resquício de tempos passados; por várias sessões conversamos sobre o assunto de modos diversos. Discutíamos sobre o número de sessões, a falta de tempo com o novo trabalho, sua fala sobre não sentir mais o que costumava experimentar em nossos encontros e a vontade que, por vezes, aparecia de não vir à sessão.

Nesses momentos eu buscava transmitir a ele que nossa relação passava por transformações. No entanto, baseada na experiência que vivia ali junto dele, acreditava em uma continuidade e não em uma ruptura, ou seja, que a relação se transformaria para continuar. Por vezes me questionei se eu o estava impedindo de seguir seu caminho; mas buscava apoiar minhas ações na emoção que observava existir entre nós.

Assim, certo dia Antônio chegou para a sessão, deitou-se no divã e, com um tom de voz tenso, disse que estava se perguntando por que vinha à análise. Considerando esta uma pergunta fundamental

eu respondi de forma serena: “*É uma excelente pergunta.* Por que você vem aqui? O que espera encontrar?”

Acredito que este meu movimento o colocou de frente a ele mesmo. Ofereci a ele a possibilidade de perceber/acessar suas próprias emoções, intenções, desejo e o que de fato sentia quando estava comigo em nossos encontros.

Após uma pausa, Antônio elencou alguns pedaços de nossa história juntos. Na sequência, falou dos períodos em que sentia descrença em si mesmo e em sua capacidade de seguir adiante. Terminou dizendo que isto era algo muito diferente do que sentia neste momento da nossa história.

Notei uma mudança em seu tom de voz que pareceu mais relaxado. Compreendi que ele estava se observando em transformação, assim como a nossa relação. Deste modo, colocava-se disposto a viver as novas experiências da relação que se movimentava, transformava e criava passagens. Reafirmei para ele que estava ali *para e com* ele. No final dessa sessão, saímos com horários fixos agendados para nossos encontros.

Terceiro momento

Após a sessão em que definimos horários fixos, a relação com Antônio foi ganhando fluidez crescente. Assuntos diversos apareciam nos encontros e, geralmente, o clima era de liberdade e descontração. Quando o choro e a dor surgiam, sentíamos que havia espaço para sermos habitados por eles. Nós escutávamos seus lamentos para que pudéssemos prover cuidados; sentíamos segurança na sustentação da relação. Ele estava fora do útero e, ainda assim, havia uma ligação entre nós. Havia na sala de análise duas pessoas que buscavam se encontrar e que sabiam que a cada encontro ambas se transformavam.

Assim, certo dia, Antônio se deita no divã e conta:

No caminho para cá hoje fiquei me lembrando de quando

agendávamos as sessões por semana. Naquela época eu não conseguia conceber ter horários fixos aqui. Hoje, que eu tenho, não consigo imaginar como é não ter horário fixo! Nossa, eu te dei muito trabalho, né?

Ao terminar de falar, ele cai na gargalhada e eu o sigo no mesmo movimento.

Considerações finais

Frente à questão sobre as condições mínimas que precisamos acessar para estarmos com alguém em psicanálise e cogitarmos a criação de passagens por obstáculos, penso ser fundamental a capacidade de sentir empatia e compaixão pela pessoa e sua dor. Se isto ocorre, o “ato de fé” concebido por Bion (1970/2006) torna-se possível, e algo de novo surgirá na relação.

A busca dos meios para o analista sustentar e expandir sua “capacidade negativa” (Bion, 1970/2006), isto é, corajosamente ir em direção ao desconhecido para continuar observando os movimentos da vida, é fundamental para a preservação das nossas condições para sustentar uma relação analítica através de entraves/obstáculos.

Acredito que, em toda e qualquer relação, nos perceber sentindo a condição de amar favorece o trânsito entre as infinitas dimensões da relação. Bion (1962/1980, 1970/2006) nos aponta para a complexidade dos vínculos das relações, nos quais coexistem L (amor), H (ódio), K (conhecimento) e seus negativos (-L, -H, -K). Assim como podemos observar um obstáculo na relação pelo vértice de um ponto cego interrompendo o movimento ou, pelo vértice de um buraco negro indicando uma passagem, a coexistência de L, H e K nos possibilita acessar o *amor* existente na relação e, talvez, destacá-lo como uma bússola na relação analista ↔ analisando.

Através dos vínculos amorosos (Bion, 1962/1980), as demais dimensões da existência podem se materializar nas relações de

forma consistente e sustentada, sejam elas da natureza que forem, obstrutivas ou fluidas, com o predomínio de ódio/rivalidade ou de amor, de medo ou de coragem, de conhecimento (K) ou -K, concretas ou místicas, finitas ou infinitas (Bion, 1965/2004, 1970/2006), etc.

Enfim, talvez a primeira pergunta que devamos procurar na busca por nossas condições mínimas para enfrentar tempestades emocionais seja: Qual a nossa condição de amar? A partir daí, torna-se possível criarmos as passagens por entre os entraves, a “cesura” daquele analista, daquele analisando, daquela relação.

Sempre.

Obstáculos en la formación de la relación analítica: perspectivas

Resumen: la autora reflexiona sobre el tema de los obstáculos de la formación analítica y señala el transitar entre la rigidez y la movilidad en las relaciones, especialmente en la relación analítica. Para ello, presenta su perspectiva al respecto de los factores que pueden o no favorecer la fluidez de ese transitar, tales como la precariedad de los recursos amorosos, la disponibilidad para ponerse al servicio del otro y la capacidad negativa del analista. Asimismo, presenta como modelo clínico la situación de una amenaza de ruptura de una relación y conjetura sobre los medios que sostienen la vitalidad de la relación, como el amor, la creatividad en busca de modelos y también la capacidad para evocar el “acto de fe” en el analista.

Palabras clave: amor; acto de fe; capacidad negativa; cesura; relación analítica.

Hindrances in the formation of the analytic relationship: perspectives

Abstract: while reflecting on the theme of hindrances in the formation of the analytic relationship, the author points to the transit between rigidity and mobility in the relationships, especially

in the analytic one. She presents her perspective about the factors that may or may not favor the flow of this transit, such as the precariousness of loving resources, the availability to place oneself at the service of the other, and the analyst's negative capability. As a clinical model, she presents the situation of a threaten of rupture of the relationship and conjectures about the means that support the vitality of the relationship, such as love, creativity in the search of models, and the capability to evoke the "act of faith" in the analyst.

Keywords: love; act of faith; negative capability; caesura; analytic relationship.

Referências

- Avi, M. C. (2020). Adeus à linguagem ↔ a Deus a linguagem. *Berggasse 19*, 10(1), 233-253.
- Bion, W. R. (1979). Como tornar proveitoso um mau negócio. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 13(4), 467-479.
- Bion, W. R. (1980) *Aprendiendo de la experiencia* (H. B. Fernandez, Trad.). Paidós. (Trabalho original publicado em 1962)
- Bion, W. R. (1981). Cesura. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 15(2), 123-136. (Trabalho original publicado em 1977)
- Bion, W. R. (1987). Turbulência emocional. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 21(1), 121-141. (Trabalho original publicado em 1977)
- Bion, W. R. (1991). *A memoir of the future*. Karnac Books.
- Bion, W. R. (2004). *Transformações: do aprendizado ao crescimento* (P. C. Sandler, Trad.). Imago. (Trabalho original publicado em 1965)
- Bion, W. R. (2006). *Atenção e interpretação* (P. C. Sandler, Trad.). Imago. (Trabalho original publicado em 1970)
- Bion, W. R. (2012). *Seminário realizado em Paris, 10 de julho de 1978* (W. Dantas, Trad.). <https://bit.ly/2N7w3QT> (Trabalho original publicado em 1978)
- Bion, W. R. (2015). *Domesticando pensamentos selvagens* (L. C. U. Junqueira Filho, Trad.). Blucher; Karnac. (Trabalho original publicado em 1977)
- Bion, W. R. (2018). Supervisão S12. In J. A. J. Mattos, G. M. Brito, & H. B. Levine (Orgs.), *Bion no Brasil: supervisões e comentários*. Blucher.
- Chazelle, D. (Diretor). (2018). *First man* [O primeiro homem] [Filme]. Universal Pictures; Temple Hill Entertainment.
- Chuster, A., Soares, G., & Trachtenberg, R. (2014). *W. R. Bion: a obra complexa*. Ed. Sulina.
- Freud, S. (1996a). *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Vol. 4. A interpretação dos sonhos (I) (1900)* (J. Salomão, Trad.). Imago. (Trabalho original publicado em 1900)

- Freud, S. (1996b). *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Vol. 5. A interpretação dos sonhos (II) e Sobre os sonhos (1900-1901)* (J. Salomão, Trad.). Imago. (Trabalho original publicado em 1900)
- Freud, S. (1996). Fragmento da análise de um caso de histeria. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Vol. 7. Um caso de histeria, Três ensaios sobre sexualidade e outros trabalhos (1901-1905)* (J. Salomão, Trad., pp. 15-116). Imago. (Trabalho original publicado em 1905)
- Freud, S. (1996). A dinâmica da transferência. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Vol. 12. O caso Schreber, Artigos sobre técnica e outros trabalhos (1911-1913)* (J. Salomão, Trad., pp. 109-119). Imago. (Trabalho original publicado em 1912)
- Freud, S. (1996). Recordar, repetir e elaborar (Novas recomendações sobre a técnica da psicanálise II). In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Vol. 12. O caso Schreber, Artigos sobre técnica e outros trabalhos (1911-1913)* (J. Salomão, Trad., pp. 161-171). Imago. (Trabalho original publicado em 1914)
- Freud, S. (1996a). Transferência. Conferência XXVII. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Vol. 16. Conferências introdutórias sobre psicanálise (parte III) (1915-1916)* (J. Salomão, Trad., pp. 433-448). Imago. (Trabalho original publicado em 1916)
- Freud, S. (1996b). Terapia analítica. Conferência XXVIII. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Vol. 16. Conferências introdutórias sobre psicanálise (parte III) (1915-1916)* (J. Salomão, Trad., pp. 449-463). Imago. (Trabalho original publicado em 1916)
- Freud, S. (1996). Além do princípio de prazer. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Vol. 18. Além do princípio de prazer, Psicologia de grupo e outros trabalhos (1920-1922)* (J. Salomão, Trad., pp. 13-75). Imago. (Trabalho original publicado em 1920)
- Freud, S. (1996). O ego e o id. In *Edição standard brasileira das*

- obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Vol. 19. O ego e o id e outros trabalhos (1923-1925)* (J. Salomão, Trad., pp. 15-80). Imago. (Trabalho original publicado em 1923)
- Freud, S. (1996). Análise terminável e interminável. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Vol. 23. Moisés e o monoteísmo, Esboço de psicanálise e outros trabalhos (1937-1939)* (J. Salomão, Trad., pp. 225-270). Imago. (Trabalho original publicado em 1937)
- Kirschbaum, I. (2017). Bion; a teoria psicanalítica como um sumário da experiência. In *Breve introdução a algumas ideias de Bion* (pp. 441-467). Blucher.
- Ogden, T. H. (1996). *Os sujeitos da psicanálise* (C. Berliner, Trad.). Casa do Psicólogo. (Trabalho original publicado em 1994)
- Ogden, T. H. (2004). This art of psychoanalysis. *The International Journal of Psychoanalysis*, 85(4), 857-877.
<https://doi.org/10.1516/D6R2-9NGF-YFJ2-5QK3>
- Ogden, T. H. (2010). *Esta arte da psicanálise: sonhando sonhos não sonhados e gritos interrompidos* (D. Bueno, Trad.). Artmed.
- Oxford Languages. (s.d.). Entrave. In *Dicionário*. Oxford Languages; Google. Recuperado em 1º de dezembro de 2020, de <http://bit.ly/3bH5ZGC>
- Ribeiro, P. M. M. (2018). Arte, arte da psicanálise e a pessoa do analista: conjecturas imaginativas com multiverso, dobras espaciais, e buracos negros. *Berggasse 19*, 9(1), 139-159.

Maira Cecília Avi

Endereço: Praça Rainha Dona Leonor de Lencastre, 198, Alto da Boa Vista. Ribeirão Preto/SP.

CEP: 14025-209

Tel.: (16) 3623-4091

E-mail: mairaavi@yahoo.com.br